

Palestra do Guia Pathwork® nº 058
Palestra Não Editada
5 de fevereiro de 1960

O DESEJO DE FELICIDADE E O DESEJO DE INFELICIDADE

Saudações! Deus abençoe a todos. Abençoada seja esta noite. É uma grande felicidade para mim retomar o contato com vocês, e vou continuar os ensinamentos e palestras que precisei interromper por algum tempo. Essa interrupção, para aqueles que quiseram, pode ter sido frutífera.

O desejo de felicidade existe em todo ser vivo. No entanto, o conceito de felicidade varia de acordo com o desenvolvimento de cada pessoa. Por causa de uma distorção do conceito de felicidade, surge outro desejo na alma humana, que muitas vezes passa despercebido. Por estranho que possa parecer, é o desejo da infelicidade. Vou falar agora das ligações, das reações em cadeia acionadas pelo conceito errado de felicidade.

O desejo de felicidade é uma emoção primária, quer o conceito seja certo ou errado, verdadeiro ou distorcido, enquanto o desejo de infelicidade não é uma emoção primária, e sim secundária, provocado pelo conceito errado de felicidade.

Esse desejo de felicidade já existe quando a entidade humana nasce. Existe no bebê. A ideia que o bebê tem de felicidade é a realização de todos os seus desejos, imediatamente e exatamente da maneira que ele quer. Independentemente de quanto a pessoa já seja adulta, subsiste nela, pelo resto da vida, um resquício desse desejo.

Todos os conceitos errados são distorções e compreensões errôneas do conceito certo. O conceito errado de felicidade é expresso da seguinte forma: “Somente se eu puder ter o que quero, da maneira como quero e quando quero é que poderei ser feliz. Caso contrário, serei infeliz.” Está aí incluída a exigência de aprovação, admiração e amor absolutos por parte de todos. No momento em que alguém parece deixar de atender a essa exigência, o mundo da pessoa em questão desaba. A felicidade passa a ser impossível, e não apenas naquele momento, mas para sempre. Naturalmente, essa não é nunca a convicção intelectual do adulto, mas emocionalmente ela é verdadeira porque tudo parece sem esperança, e o estado de espírito é de desespero em graus variados.

O ser subdesenvolvido pensa em termos de branco ou preto. Não conhece as gradações intermediárias. Ou existe felicidade ou existe infelicidade. Se as coisas acontecem de acordo com seus desejos, o mundo é uma beleza. Mas se a menor coisa vai contra sua vontade, parece que o mundo ficou preto.

Para o bebê que passa fome por alguns minutos, esses minutos são uma eternidade, não apenas por causa da ausência do conceito de tempo, mas também porque o bebê não sabe que o período de fome vai acabar muito em breve. Assim, ele fica totalmente desesperado, como se vê quando

chora. O problema que faz o bebê chorar parece não ter relação alguma com raiva, fúria e infelicidade. Com o ser humano adulto, essa parte da personalidade, expressa livremente na infância, permanece oculta em sua psique e continua a registrar reações semelhantes. Apenas as razões mudam, e a manifestação exterior se modifica ou é totalmente encoberta pelo comportamento racional e sensato. Mas isso não prova, de maneira alguma, que a reação interior tenha sido de fato eliminada ou que a pessoa tenha encontrado o equilíbrio no processo de amadurecimento e crescimento interiores.

O bebê percebe muito cedo que a felicidade da maneira desejada por ele é impossível. A criança sente que depende de um mundo cruel que lhe nega o que ele acha que precisa e poderia ter se o mundo fosse menos cruel.

Se vocês levarem a questão até as últimas consequências, vão constatar que esse conceito primitivo e distorcido de felicidade consiste de fato no desejo de domínio onipotente, obediência inquestionável por parte do mundo circundante, um lugar especial bem acima de todos os outros seres, já que estes devem satisfazer os desejos da pessoa. Quando esse desejo não pode ser satisfeito – e nunca pode – a frustração é total.

Naturalmente, nenhum ser humano tem possibilidade de lembrar dessas primeiras emoções, já que não tem memória dos primeiros anos de vida. Que essas reações continuem a existir em todo ser humano sem exceção é um fato, e vocês podem descobrir essas emoções de diversas maneiras no trabalho que fazem no nosso caminho. Podem descobri-las observando algumas das suas reações passadas e presentes, analisando-as desse ponto de vista. Primeiro, descubram onde esse bebê continua a existir em vocês, com os mesmos desejos, sentimentos e reações. Voltem a atenção para esse aspecto específico da sua personalidade. Assim vocês atingem um ponto do qual podem começar a superar o conceito irrealista, irrealizável de felicidade, e construir o conceito apropriado, maduro, realista e realizável que será infinitamente mais compensador. Enquanto não sentirem o bebê que há em vocês, não conseguirão entender alguns conflitos que são efeitos de reação em cadeia desse conceito distorcido fundamental.

Quanto mais a criança cresce e aprende a viver neste mundo, mais percebe que o domínio onipotente que deseja é não apenas negado mas também censurado, de modo que ela aprende a esconder esse desejo até essa ocultação avançar tanto que nem ela mais tem noção disso. Seguem-se duas reações básicas. Uma delas é: “talvez, se eu me tornar perfeito, como o mundo à minha volta me pede, terei aprovação suficiente para conseguir atingir meu objetivo.” Nesse caso, instala-se a luta pela perfeição. Nem é preciso dizer, meus amigos, embora todos estejamos de acordo que todos os seres devem lutar pela perfeição, que esse tipo de luta é errado. É errado por causa de sua motivação. Aqui, a pessoa não se esforça por atingir a perfeição para amar melhor e doar mais. Ela não se esforça pela perfeição em si, mas sim para atingir uma meta egoísta. Além disso, é errado porque ela quer atingir a meta de perfeição imediatamente, pois a felicidade por meio do domínio onipotente é um desejo para ser atendido de pronto. Atingir a perfeição imediata, naturalmente, é uma total impossibilidade. É deixar de lado a aceitação saudável das próprias inadequações, que permite à personalidade a possibilidade de aprender o tipo saudável de humildade, de aceitar a si mesmo como nem mais nem melhor que o resto da humanidade.

Assim, a frustração passa a ser dupla. O primeiro desejo – domínio onipotente para ser feliz – não é realizado. E nem o segundo desejo – o de atingir a perfeição para conseguir o primeiro desejo. Isso, por sua vez, provoca uma aguda sensação de inadequação e inferioridade, de lamentação e cul-

pa. Pois a criança ainda não sabe que ninguém é capaz de atingir tal perfeição. Ela se julga única a esse respeito e precisa esconder esse fato vergonhoso. Mesmo quando a pessoa é adulta e conscientemente sabe mais, essa reação, por não ter sido ventilada, continua a viver trancada na alma. A personalidade inconsciente argumenta: “Se eu pudesse ser perfeito, teria o que quero. Como não sou perfeito, não valho nada.” A segunda consciência, como certa vez a designei, não para de atormentar a pessoa, procurando fazê-la buscar esse objetivo irrealizável, de modo que cada fracasso provoca mais desespero e culpa, aumentando os sentimentos de inferioridade e inadequação.

Por outro lado e ao mesmo tempo, existe outra reação. A personalidade não pode e não quer assumir toda a culpa, e portanto culpa seu meio ambiente. Assim, passa a existir um círculo vicioso específico. Internamente, a argumentação é a seguinte: “Se eles me permitissem ser feliz do jeito que quero, me amando e me aprovando completamente, fazendo o que eu quero, nesse caso eu poderia ser perfeito. Dessa forma, o obstáculo que impede que o mundo me dê o que eu quero seria removido. Portanto, a culpa é “deles”. Eu só fracasso porque eles sempre negam o que eu quero.” O círculo vicioso funciona em um sentido: “Preciso ser perfeito para ser amado e feliz”; e no outro sentido: “Se eu tivesse o domínio de que preciso para ser feliz, não teria dificuldade em ser perfeito.” O mundo torna essas duas coisas impossíveis. Por isso, a pessoa culpa o mundo, por um lado, e o eu, por outro. Além disso, ela se ressentida por não ser amada como é. Parece-lhe que deveria ser amada incondicionalmente. Esse aspecto revela mais uma vez que vocês acham que a rendição incondicional que exigim daria a vocês o domínio que, segundo acreditam, é necessário para sua felicidade.

O conceito errado de felicidade fatalmente dá origem também a um conceito errado de amor. Vamos recapitular brevemente o conceito errado de felicidade: “Só posso ser feliz se as coisas acontecerem do meu jeito.” O conceito maduro de felicidade em seu maior desenvolvimento é: “Sou independente das circunstâncias exteriores, sejam elas quais forem. Consigo ser feliz com a minha situação porque até os acontecimentos desfavoráveis ou desagradáveis têm uma finalidade, e me levam para muito mais perto da liberdade completa e da felicidade ilimitada.” Assim, até mesmo as épocas difíceis terão o poder de fazer vocês felizes. Eu admito que, enquanto vocês estiverem encarnados na terra, isso só pode ser vivenciado em pequena medida, mas mesmo assim, com seres muito amadurecidos e desenvolvidos, isso acontece pelo menos até certo ponto. A infelicidade não os abala, mas contém uma semente de crescimento. Pelo menos no caso deles, essas épocas não são inúteis e percebidas como emocionalmente sem esperança, mas são combatidas com coragem até o sol voltar a brilhar. Quando existe o conceito maduro de felicidade, e portanto da própria vida, não poder ser feliz sempre não é motivo de enorme desespero. A pessoa aceita de fato que a vida contém felicidade e infelicidade. Assim, quando a infelicidade se apresenta, a pessoa madura não sente seu mundo desabar, pois não é emocionalmente imatura a esse respeito. A dor não é algo que precise ser eliminado a um custo tão elevado que a dor resultante desse esforço é ainda pior que a dor que a pessoa procurava evitar. A pessoa madura também não busca e nem se abre para a dor e a infelicidade apenas para evitar a sensação de impotência de ser vulnerável contra sua própria vontade. Mas a pessoa imatura faz isso muitas vezes, o que nos leva ao desejo da infelicidade. Vamos entrar nesse tópico daqui a pouco.

Primeiramente, vamos considerar o conceito de amor. O conceito errado – inerente ao conceito errado de felicidade – é o seguinte: “Se eu for amado, terei vassallos, súditos” – como um regente possui súditos. Se vocês observarem suas reações com muita honestidade, neste momento exato, vão descobrir sentimentos semelhantes em vocês, embora possam jamais ter tido a coragem de admitir. O conceito certo de amor não é única e necessariamente sempre “Eu amo, independentemen-

te de você me amar ou não.” Este, naturalmente, é o ideal, no nível mais elevado. Mas muito poucos seres humanos já avançaram tanto. Se vocês não tiverem avançado tanto, não há sentido em procurar forçar um sentimento que ainda não conseguem ter. Procurar fazer isso à força pode ter efeitos muito ruins de vários pontos de vista. A compulsão, a incapacidade de manifestar esses sentimentos na realidade aumentaria os sentimentos de fracasso e culpa. Isso, por sua vez, levaria à tendência de autodestruição. Além disso, o desejo desse ideal, do amor altruísta, pode ser facilmente distorcido pelo desejo doentio de sofrer, que vamos discutir daqui a pouco. Portanto, se vocês não forem amados e acharem impossível amar a pessoa em questão, basta reconhecer esse fato, sem culpa. Se vocês já tiverem descartado o desejo infantil de domínio, conseguirão aceitar com serenidade e sem ressentimentos contra a pessoa que parece não amá-los. No plano em que a maioria de vocês se encontra, o amor é uma troca. É uma via de duas mãos. Mas contrariamente ao conceito infantil, o amor, corretamente concebido, não exige um súdito que obedeça cegamente à vontade de vocês, mas precisa e deseja um objeto.

Meus amigos, antes de prosseguir com esta palestra, quero fazer algumas observações. Tenho certeza de que nenhum de vocês que ouve ou lê estas palavras irá discordar delas; todos vão concordar. Vocês precisam ser capazes de pensar nas muitas ocasiões em que vocês sinceramente sentem – ou pensam que sentem – de acordo com o conceito certo. O que eu peço é que vocês procurem identificar as ocasiões em que são incapazes de sentir de acordo com o conceito certo de amor e felicidade. Não há exceção. Esses casos podem ser encontrados em todos vocês, se a tentativa de encontrá-los for séria. Procurem verificar quando vocês querem um súdito e não um objeto. Descubram por meio de que emoções, desejos e reações vocês podem confirmar essa verdade. Para isso, vocês precisam apenas saber interpretar corretamente suas reações e sentimentos em alguns episódios, em algumas ocasiões.

Agora chegamos ao desejo de infelicidade – como ele nasce desse fenômeno básico, complexo e totalmente universal da alma humana. Como eu disse, a personalidade acha cada vez mais impossível encontrar a felicidade de acordo com o conceito errado, o único que conhece. Em vez de encontrar o jeito certo, transformando o conceito errado no certo, é comum a personalidade simplesmente lutar contra a correnteza, procurando forçar a vida a adequar-se ao conceito errado. Quando fica demonstrado que isso é impossível, a pessoa procura uma saída que parece ser uma solução, mas que a longo prazo é ainda mais prejudicial. Inconscientemente, ela pensa: “como a felicidade me é negada e a infelicidade é inevitável e imposta a mim contra a minha vontade, é melhor tirar proveito da situação e transformar uma desvantagem em uma vantagem, procurando desfrutar a infelicidade.” Superficialmente, essa solução pode parecer inteligente, mas é claro que não é. Embora seja possível desfrutar alguns aspectos da infelicidade de uma maneira doentia, fatalmente há outros aspectos que são extremamente penosos e não podem absolutamente ser desfrutados. Mas a personalidade, para começar, não sabe nada disso. Ela não procurou negociar e, quando isso acontece, ela deixa de ver sua ligação com o processo que descrevemos aqui. Como todo o processo de qualquer forma é inconsciente, os aspectos não desfrutáveis da infelicidade jamais são relacionados ao fato de eles terem sido provocados pela própria pessoa. Mas existem alguns aspectos do sofrimento que são desfrutados pela humanidade, embora nunca haja uma admissão consciente, a menos que a pessoa siga um caminho de autoconhecimento como o nosso. É preciso tempo, esforço, e muita determinação para trazer isso à tona.

Por estranho que possa parecer, mesmo de uma forma muito distorcida, esse desejo de infelicidade parece assemelhar-se ao estado de estar acima da experiência da maior parte dos seres huma-

nos, parece um estado muito mais elevado de desenvolvimento. Alguns de vocês já ouviram dizer que o prazer e a dor são a mesma coisa acima de um determinado nível. Esse vago conhecimento existe na memória supraconsciente, mas é distorcido por motivações erradas, por princípios básicos mal entendidos, por maneiras irrealistas de encarar a vida. Assim, ele é manifestado de maneira extremamente doentia e prejudicial.

A psique raciocina assim: “Como não posso evitar a infelicidade, seria melhor aproveitá-la. Além disso, quero atenuar a humilhação do fato de a infelicidade ter sido imposta a mim contra a minha vontade, como uma presa indefesa. Na realidade, eu mesmo vou fazer surgir a infelicidade, e portanto não ficar assim tão impotente.”

Nem é preciso dizer, meus amigos, que nenhum desses pensamentos é consciente. É um raciocínio totalmente inconsciente. Vocês só podem rastrear essas emoções e reações por meio de determinados métodos do nosso trabalho, aprendendo a analisar as descobertas por um novo ângulo. Nesse caso, vocês vão descobrir padrões de como agem de maneira oculta e sutil para provocar as pessoas e dar origem a certas situações que resultam em acontecimentos infelizes, injustiças, lesões, malfeitos e mágoas. Quando descobrem como provocam tudo isso, de maneira sempre muito sutil, também são capazes de perceber que de uma certa forma se comprazem com essa situação, por mais que a mente consciente abomine alguns aspectos. É muito raro tudo isso ser muito evidente, embora às vezes seja muito perceptível para os outros, mas não para vocês. Na maior parte das vezes, acontece de maneira tão sutil que passa totalmente despercebido a vocês, a menos que realmente queiram perceber.

Essa “saída” também se vale do seguinte raciocínio: “Como existe apenas branco e preto, e o branco me é negado, vou desfrutar o totalmente preto.” Esse processo interior dá novo impulso a toda uma cadeia de reações. Como o desejo de infelicidade é inconsciente, os danos resultantes do processo de provocar a infelicidade fazem vocês se sentirem ainda mais inadequados, e o mundo parecer ainda mais cruel e injusto.

Quero enfatizar outra vez que o prazer que vocês obtêm com a infelicidade que provocam nunca dá a sensação de ser prazeroso de maneira verdadeira e completa. Se fosse, a solução seria verdadeira e realista. Mas como não é nenhuma dessas duas coisas, vocês sofrem e, ao mesmo tempo, se comprazem com alguns aspectos da infelicidade que provocaram. Podem gostar, por exemplo, da própria provocação de uma maneira tão sutil que isso também escapa à sua atenção. Podem também gostar da autopiedade que vem em seguida.

Vamos supor, por exemplo, que vocês estejam prestes a fazer uma nova amizade. Quantas vezes vocês vão para esse encontro com uma atitude de desconfiança, de negativismo, de dúvida, de muitos outros sentimentos destrutivos? Superficialmente, alguém poderia dizer que se trata de uma simples demonstração de pessimismo. Mas se vocês forem até o âmago dos seus sentimentos, vão descobrir um canto oculto onde não querem vivenciar um episódio de felicidade, e o sabotam por meio de todas essas atitudes negativas. Se de fato quisessem um desfecho feliz, vocês demonstrariam uma prontidão interior que fatalmente levaria ao sucesso. Muitas vezes, na medida em que essa prontidão interior está ausente, nessa mesma medida vocês compensam exageradamente com uma prontidão exterior superficial que, no entanto, não consegue substituir a verdade interior. Em alguns casos, nem essa máscara exterior superficial existe. E quando ocorre o desfecho infeliz, vocês se iludem, querendo acreditar que nada daquilo foi provocado por vocês. Se analisarem suas emoções

num episódio desse tipo ou semelhante, vocês vão descobrir, sem sombra de dúvida, que essa falta de prontidão interior, essa pequena voz interior que diz “não”, existe de fato em vocês, por mais que conscientemente desejem o desfecho feliz. Como o desfecho feliz seria mesmo assim um meio termo quando comparado ao domínio total que, inconscientemente, gostariam de exercer, vocês preferem destruir o que está na esfera do possível e, em vez disso, arcar com dor e sofrimento. Quando vocês descobrirem tudo isso e sentirem que é verdadeiro em relação a vocês, como aconteceu com outras verdades no decorrer do nosso trabalho, terão começado a superar a prisão do sofrimento autoinfligido por causa de erros e falsos conceitos.

Isso é muito importante para todos vocês, meus amigos, pois é universal e abarca tudo. Agora chegou o momento para todos vocês que trabalham no nosso caminho investigarem essa questão bem de perto, com a maior honestidade de que forem capazes.

Já se disse muitas vezes que a autodestruição – ou seja, o desejo de infelicidade – resulta de sentimentos de culpa profundamente arraigados. Isso é verdade até certo ponto. O inverso é muito mais verdadeiro. Não existe sentimento maior de culpa e vergonha na alma humana do que a culpa acarretada por provocar e colher a infelicidade. Vocês podem perguntar por que isso traria mais culpa do que qualquer outra coisa. Mas é assim, meus amigos. Posso afirmar que a culpa e a vergonha acarretadas por provocar infelicidade e colher infortúnios é a mãe de toda a culpa e vergonha e está na raiz de todos os outros sentimentos de culpa. Todos os sentimentos de culpa e vergonha que vocês descobriram até agora são níveis superficiais e coberturas dessa culpa verdadeira. A prova é que os sentimentos de culpa que vocês trouxeram à tona e admitiram ainda persistem. Não desapareceram. Se vocês tivessem descoberto a causa verdadeira, a culpa teria de desaparecer, pois nesse caso inevitavelmente teria havido uma mudança de atitude. Enquanto uma descoberta, uma descoberta verdadeira, continuar deixando vocês incapazes de mudar a respectiva atitude para que as emoções saudáveis possam começar a crescer, é porque a descoberta ainda não foi suficientemente fundamental. Ainda resta descobrir uma verdade fundamental.

A maioria de vocês já está pronta para encarar essa parte da alma. É claro que isso não pode ser feito por vocês sozinhos. Quando vocês descobrirem e estiverem prontos para encarar tudo isso em seu íntimo, quando realmente experimentarem e vivenciarem essas emoções, a vida de vocês vai começar a mudar aos poucos sob muitos aspectos, porque ao reconhecer, repetidamente, de que maneira provocam a infelicidade, vocês deixarão de provocá-la, percebendo que ela já não é necessária. Vocês vão deixar de querer ser reis quando adquirirem uma visão mais madura da vida. Na medida em que descobrirem em seu íntimo o desejo de domínio e aprenderem a abrir mão dele voluntariamente, nessa mesma medida vocês deixarão de provocar infelicidade e infortúnios. Não é fácil chegar ao ponto de realmente experimentar todas essas emoções, ao ponto em que a questão deixa de ser uma teoria intelectual. Enquanto for apenas uma teoria, não vai ajudar vocês em nada. Enquanto vocês observarem essa tendência nos outros mas não em si mesmos, isso também não vai ajudar em nada. Mas com o método apropriado e, principalmente, com a vontade de encontrar esse aspecto, depois de algum tempo, com algum esforço, após alguns reconhecimentos dolorosos e a superação da sua resistência, encontrarão a confirmação de cada palavra do que eu disse aqui a vocês – cada palavra. É necessário que vocês descubram esses sentimentos agora. Se os descobrirem, experimentarem e tirarem do seu esconderijo, aceitando-os, vocês terão nas mãos um grande trunfo.

Repito: não existe exceção, não existe ser humano totalmente livre do que acabei de descrever. A situação pode se manifestar de maneiras diferentes em diferentes seres humanos. Pode existir em

diferentes graus. Uma pessoa pode provocar a infelicidade e colher infortúnio em alto grau, enquanto outra talvez expresse mais abertamente sua exigência de domínio. Há muitas variações, determinadas pelo temperamento, pela personalidade, por traços de caráter – e também por alguns fatores ambientais nos anos de formação. Mas essa situação existe, pelo menos até certo ponto, em todas as pessoas. A extensão desse desvio humano básico é determinada pela capacidade do ser humano em crescimento de aceitar o mundo da realidade em lugar do mundo utópico desejado pelo bebê. A convicção intelectual e o comportamento exterior não são de maneira alguma indicativos da atitude interior.

Talvez vocês já tenham adivinhado que essa atitude humana ou processo interior universal que acabei de delinear não é uma “imagem” – nem imagem pessoal nem de massa. Está por trás de todas as imagens. É uma situação básica. As imagens pessoais ou de massa que afetam a pessoa são determinadas sempre pela maneira específica de expressão da situação básica aqui descrita, e da medida em que ela pode ou não ser assimilada ou aceita quando a pessoa cresce. Se vocês analisarem todas as imagens pessoais com isso em mente, verão facilmente como essa situação básica influencia a todas, como está por trás de todas.

Falei algumas vezes no passado, principalmente numa palestra sobre o círculo vicioso, que a autopunição e a autodestrutividade são fatores muito fortes na constituição humana. Se vocês acrescentarem o que falei hoje, o círculo vicioso mencionado vai ficar mais claro e compreensível. Eu queria explicar a autodestrutividade em termos mais fundamentais, pois estamos chegando a um nível mais profundo do trabalho.

Eu mencionei algumas vezes no passado recente, em algumas sessões privadas, o “eu idealizado”. Não entrei em detalhes sobre esse assunto, esperando para fazê-lo nesta palestra. Agora vocês vão entender o significado dessa expressão. Aprendam a analisar o eu idealizado – o que o seu inconsciente quer que seja, quer conseguir, e com que finalidade. Ao analisar os seus devaneios e desejos do passado ou do presente, vocês vão descobrir sempre um denominador comum: o desejo de perfeição a fim de atingir a felicidade, a fim de dominar o mundo que os rodeia. De imediato, sem dúvida vocês vão dizer “Não, não tenho a menor intenção de dominar os outros, isso não é verdade.” Mas qual é a essência de muitas das suas emoções? Vocês não querem ser perfeitos para que as pessoas façam exatamente o que agrada a vocês? Não querem ser amados e aprovados por todos, sem exceção? Não querem ser perfeitos para serem melhores, para se destacarem, para serem mais admiráveis que os outros? Se forem honestos consigo mesmos com respeito às emoções consideradas dessa nova perspectiva, vocês precisarão admitir que a resposta será “sim”, embora certamente nunca tenham manifestado um desejo de domínio nesses termos. O princípio do domínio é inerente a todas as pessoas e precisa ser encarado, meus amigos, para que vocês possam de fato se livrar de suas cadeias. Sem reconhecer isso, vocês não poderão reconhecer o desejo de infelicidade, as formas usadas para provocar a infelicidade. É muito importante que vocês encarem e vejam isso da maneira verdadeira.

Se realmente conseguirem aceitar a si mesmos – da perspectiva das emoções mais arraigadas, não apenas em teoria e intelectualmente – como membros da humanidade, tão imperfeitos como os outros, de quem algumas pessoas gostam e outras não, aprovados por alguns e desaprovados por outros, vocês terão efetivamente alcançado a maturidade, e não terão mais necessidade de prejudicar a si mesmos, provocando os infortúnios. Mas como são poucas as pessoas capazes disso! Vocês sempre sofrem profundamente quando são desaprovados. Podem, às vezes, chegar a perder o sono

ou a paz de espírito. Vocês acham tão intolerável a desaprovação que nem conseguem admitir a menor falha. Vocês lutam contra essa admissão. Por quê? Pois isso destruiria o quadro do eu idealizado. Parece que a vida de vocês está em jogo, pois toda a felicidade parece estar fora de alcance quando vocês não conseguem manter a imagem do eu idealizado. Essa é uma reação do bebê que há dentro de vocês; o cérebro procura assimilar o clamor do bebê de uma maneira racionalmente aceitável. Mas isso não deixa vocês em paz. Só ficarão em paz quando aprenderem a ver, a encarar, a abrir mão desse conceito infantil de felicidade, de domínio e de perfeição.

Vocês se agarram tenazmente a essa situação fundamental, sem perceber o alto preço que pagam, sem perceber que não precisariam sofrer se estivessem dispostos a reconhecer tudo isso e renunciar a esse conceito, a esse desejo. Ao trazer à tona o bebê que há em vocês, poderão ensiná-lo a abrir mão de uma coisa inútil. Se mantiverem o bebê oculto, ele continuará destruindo a vida de vocês, por mais que se empenhem em níveis exteriores, por mais conhecimento que absorvam com o cérebro.

O eu idealizado é sempre uma expressão dessa situação básica, independentemente da forma ou maneira que assumir em cada personalidade.

Alguns podem estar se perguntando qual a relação disso tudo com a imagem de Deus. Como a imagem de Deus é muito fundamental na personalidade e isso também é fundamental, qual a ligação entre ambos? No trabalho de vocês com a imagem de Deus (falar em imagem de Deus ou imagem de Vida na realidade não faz nenhuma diferença; alguns acham a segunda expressão mais adequada), vocês descobriram principalmente um aspecto específico: o medo irracional que vocês têm de Deus, do monstro que, para a mente subconsciente, parece ser esse deus criado pelos equívocos de vocês. Como vocês sabem, de acordo com essa imagem, esse Deus parece injusto, inadequado, fraco, e portanto arbitrário e cruel. Por isso deve ser temido. Vocês sabem que essas emoções existem, a despeito do conceito consciente. Esse aspecto da imagem de Deus tem uma articulação clara com o tema de nossa discussão de hoje. Como vocês querem a felicidade de acordo com a sua noção de felicidade, e a vida lhes nega isso, ou Deus nega, é mais um motivo para ter medo de Deus. Para vocês, não parece lógico que seus desejos sejam negados. Parece injusto, irracional. Portanto, é fácil ver a ligação.

Mas existe outro aspecto da imagem de Deus que ainda não foi descoberto, ou pelo menos não foi totalmente reconhecido por muitos de vocês. É o seguinte: “como só posso atingir a felicidade se for um regente onipotente, preciso ser eu mesmo um deus. Portanto, quero ser Deus. Por que eu deveria me submeter a esse Deus cruel, vingativo, inadequado que nos inflige tanto sofrimento? Eu posso exercer esse papel muito melhor. Eu seria mais bondoso do que ele é se minha vontade fosse feita, se eu fosse amado e aprovado. Não tenho intenção de ser cruel se as pessoas fizerem o que quero. Portanto, sei mais que Deus, e quero assumir o domínio do meu pequeno universo.” Esse universo pode ser o berçário, a casa, o círculo de amigos e conhecidos, a cidade ou o país, não faz diferença. O universo de uma pessoa é sempre tão grande quanto o alcance da visão interior e da percepção – não o alcance do conhecimento exterior do homem. Quero repetir que o pensamento consciente de vocês nunca ocorre em termos tão crassos. Mas se verificarem e analisarem o verdadeiro teor das suas emoções, vocês vão ver que elas se resumem a isso. Gostaria de recomendar que vocês procurassem encontrar esse aspecto na sua imagem de Deus, meus amigos, se é que já não o fizeram.

Com muito prazer, posso ajudar cada um de vocês, individualmente, a descobrir e rastrear essa situação fundamental de que falei hoje. Em cada um de vocês a forma pode ser diferente. Teremos que descobrir a melhor abordagem caso a caso. Portanto, esta será a nova fase, uma fase muito importante, que vamos iniciar agora. Alguém quer fazer perguntas?

PERGUNTA: Você diria que gostar da infelicidade é o mesmo que “Weltschmerz?”

RESPOSTA: Esse é apenas um aspecto entre muitos, como a autopiedade, por exemplo. Mas a forma mais elementar de gostar da infelicidade é gostar do processo de provocar a situação que acarretará a infelicidade.

PERGUNTA: Você poderia explicar melhor a afirmação de que dor e prazer são a mesma coisa?

RESPOSTA: Você quer dizer na forma saudável e desenvolvida? Porque no desvio doentio eles não são a mesma coisa.

PERGUNTA: Não, estou me referindo à forma saudável.

RESPOSTA: Vou procurar encontrar as palavras certas, pois é difícil transmitir na língua humana limitada algo que dificilmente é experimentado por um ser humano, estando portanto fora de sua esfera de compreensão. Vou procurar explicar dessa forma. Apesar do acontecimento exterior, bom ou ruim, a personalidade que já atingiu esse estado não é afetada pelos resultados negativos, e portanto é verdadeiramente independente. A dor, ou que poderia provocar dor a uma pessoa que ainda não atingiu esse estado, tem um efeito criativo, de elevação, que gera crescimento interior e mais força e liberdade. Embora se saiba que a dor é inevitável, não existe a procura da dor. Ela é enfrentada com calma e serve a uma finalidade construtiva. Quando essa finalidade é cumprida, a dor deixa de ser dor. Para o ser humano que está de fato avançando neste caminho, já se pode observar isso até certo ponto. Vocês se deparam com um acontecimento doloroso. A princípio, vocês sofrem. Mas em vez de prolongar indevidamente o período de sofrimento, chafurdando num sentimento que não tem sentido, sem perceber o que se pode aprender com ele, em pouco tempo vocês chegam ao ponto em que o episódio doloroso lhes proporciona um importante novo reconhecimento sobre a sua alma, libertando vocês de algumas cadeias da ignorância e da escuridão. No momento em que ocorre esse reconhecimento, a dor cessa, mesmo que a situação exterior que a provocou continue a existir. Assim, o próprio episódio que provocou uma dor aguda antes do reconhecimento se transforma em fonte de alegria. Estou falando de alegria saudável e construtiva, que não deixa um trau amargo.

Quanto maior o desenvolvimento da entidade, menor o período de sofrimento e mais depressa chega o momento em que o episódio negativo deixa de ser doloroso até que, finalmente, o momento de reconhecimento e alegria ocorre ao mesmo tempo que a experiência “dolorosa”. Quando se chega a esse ponto, efetivamente a dor e o prazer passam a ser uma só coisa. A pessoa supera o mundo dos opostos.

Não esperem atingir, nesta vida, o ponto em que a dor se transforma instantaneamente em prazer. De fato, seria uma expectativa perigosa, por estar muito próxima do elemento doentio de procurar a dor, que de qualquer forma já está em vocês. Além disso, levaria à não aceitação da vida

como ela é na realidade de vocês, na esfera de vocês, ou seja, uma mistura de dor e prazer. É somente por meio da aceitação de ambos que vocês deixarão de provocar a dor de maneira doentia. E assim, com firmeza, embora devagar, vocês chegarão perto do ponto em que a dor deixará de existir. Portanto, não busquem isso ainda. Basta que procurem transformar a experiência dolorosa em experiência construtiva. Por enquanto, esse é o melhor caminho, o único caminho para vocês.

PERGUNTA: Com isso você está dizendo que os mártires da igreja católica, por exemplo, entraram nesse estado perigoso de confusão?

RESPOSTA: Muitas vezes foi isso que aconteceu.

PERGUNTA: Em outras palavras, se entendi bem, o que o ser humano pode fazer é tomar isso como um conceito filosófico?

RESPOSTA: Sim. Cuidado para não procurarem alcançar esse estado agora, pois pode ser exatamente o oposto do que realmente querem e do que sua alma realmente necessita.

Bênçãos para todos, para todo o grupo. Que a luz e a força divinas, a verdade e o amor fluam através de vocês e tornem seu fardo mais leve. Fiquem em paz, fiquem com Deus!

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.